

# Caros dirigentes da FMUSP: precisamos falar do estupro, uma carta das alunas do Jornal do Campus

Caros dirigentes da Faculdade de Medicina,

É sempre com muito orgulho que essa comunidade acadêmica estufa o peito para falar que, gostem os rankings internacionais ou não, ainda somos a melhor Universidade da América Latina. Estranho, porém, é o silêncio sepulcral reservado aos casos de estupro que se sucedem dentro dessa mesma USP. Deixe-me, então, lhes contar algumas coisas dessa latina América sobre a qual costumamos nos elevar.

[\(Jornal do Campus, 07/11/2016 - acesse no site de origem\)](#)

**A cada 9 dias, uma mulher morre no Chile.** Quando os grandes navegadores aportaram na terra-mãe, a menina América Latina nem mesmo havia alçado a sua menarca no momento em que passou a ter o seu rebento violado — do ouro ao petróleo, do pau-brasil à plantação de soja. A exploração, por sua vez, materializou-se na forma de uma herança maldita e fincou-se em nossos corpos: das índias que tinham o seu sexo barganhado por especiarias; das escravas que adentravam a Casa Grande para servir aos seus senhores; das imigrantes que ao invés de pasárgadas viveram verdadeiros infernos; das guerrilheiras e seus ventres agredidos nos porões da ditadura; às nossas mulheres que hoje dolorosamente padecem somente por sê-las.

**A cada 2 dias, uma mulher morre na Colômbia.** Para ser uma dessas vítimas, prezados dirigentes, basta portar o tal “sexo frágil”: nos obituários, as causas de morte mais comuns estão no cumprimento de nossas saias, no tamanho de nossos decotes, na espera por um ônibus tarde da noite, na rua mal-iluminada pela qual optamos por passar, na embriaguez em uma festa, num término de namoro não-aceito, na recusa ao sexo ou na falta de tempo

para preparar o jantar. E quando essas mulheres não dão mole o suficiente, dá-se um jeito. Em Bogotá, na Colômbia, é cada vez mais comum o uso de benzodiazepinas e estramônio, ambas conhecidas como “drogas do estupro”. Só na Cidade do México, onde o mesmo feito se sucede, mais de 300 mulheres são estupradas por ano sob o efeito de substâncias como essas. Vocês, enquanto médicos, devem saber bem o efeito de doses desse tipo em nossas entranhas.

**A cada 36 horas, uma mulher morre na Argentina**, sendo que a cada 24 horas, apenas nas delegacias de Buenos Aires, são recebidas mais de 166 denúncias por agressões. Talvez uma dessas ligações pudessem ter sido a de Lucía Pérez, três semanas atrás, se ela tivesse tido a chance de clamar por socorro. Mas não. Dopada, violentada, subtraída e empalada. Ela tinha apenas 16 anos, e precisou que todas as suas outras irmãs latinas marchassem pelas ruas e fizessem as vezes de quem não se coube diante de tamanha brutalidade.

**A cada 12 horas, uma mulher morre na Guatemala.** É verdade que, na última década, 16 dos 20 países latino-americanos implementaram em seus códigos penais punições para o feminicídio, mas isso não condiz com a contagem regressiva feita ao longo desses parágrafos. O quão encorajador é para uma mulher ir a uma delegacia comandada por homens sabendo que lá ela será rechaçada? Que garantia de segurança ela terá após fazer um boletim de ocorrência contra o seu agressor? Isso sem contar os absurdos à parte, como acontece na Bolívia. O país até tem lei contra o feminicídio, mas apenas reconhece agressões cometidas por maridos se a mulher ficar incapacitada por mais de trinta dias. Trinta.

**A cada duas horas, uma mulher morre no Brasil. Mais do que isso: a cada 11 minutos, uma mulher é estuprada no Brasil.** Em 2014, três mulheres entraram nessa estatística ao terem seus caminhos cruzados com Daniel Tarciso da Silva Cardoso, um dos tantos uspianos acusados de estupro que, no final da última semana, recebeu o aval para se formar “doutô” pela FMUSP, caros dirigentes. No restante da capital paulista, as perspectivas não são mais positivas: do ano passado pra cá, houve uma alta de 30% nos casos relatados de estupros. “Relatados”, reitero. Imagine quantos não

morrem entalados em nossos receios.

É por isso, dirigentes, que essa é uma carta em repúdio à iniquidade hedionda do estupro, ao feminicídio, à cultura machista e assassina que nos ceifa, à ausência do amor e do respeito, uma recusa ao silêncio que abocanha a violência contra a mulher. É, sobretudo, uma carta em repúdio aos assassinos de Lucía Pérez, uma memória à lembrança da última mulher que teve sua agressão exposta em programas policiais e um grito visceral contra uma instituição que se omite e emudece diante de uma acusação dessas. É para lembrá-los de que a lentidão em trazer respostas e soluções (senão a permissão para que uma pessoa que sofre um processo grave como esse possa se formar) é uma falha. Estejam avisados, excelentíssimos dirigentes: vocês que se calam também nos abusam.

Atenciosamente,

*Alunas do Jornal do Campus*